

A Archegos é um estouro isolado ou será apenas o primeiro?

Liquidação de um pequeno fundo desconhecido fez lembrar o caso Lehman Brothers e a Grande Depressão

MARGARIDA CARDOSO

"Este é um estouro isolado ou será apenas o primeiro de uma série de estourados?", questiona Filipe Garcia, presidente da IMF — Informação de Mercados Financeiros, numa frase que resume a forma como o mundo está a olhar para o colapso do fundo Archegos, do gabinete de gestão de patrimónios de Bill Hwang. Certo é que as perdas, ainda por calcular, já apanharam bancos como o Crédit Suisse, Nomura ou Mitsubishi UFJ.

"Se ficar tudo por aqui, todo este caso não passará de mais um dia difícil em Nova Iorque. Mas o que é determinante para avaliar o impacto de tudo isto é saber se este é um caso isolado ou se há outros bancos com perdas significativas e se há outros fundos com problemas idênticos", afirma Filipe Garcia. "Estamos a falar de um fundo pequeno. Falta ainda perceber o impacto, e tudo vai depender de haver mais visados, mas, à primeira vista, nada parece indicar que temos pela frente um caso da dimensão do Lehman Brothers (2008), que tinha ativos avaliados em 600 mil milhões de dólares", acrescenta Paulo Rosa, economista sénior do Banco Carregosa, afastando, nesta fase, o cenário de um risco sistémico.

Tudo começou no final da semana passada, quando a Archegos Capital pediu aos bancos com os quais trabalhava para não despejarem as suas participações no mercado de capitais depois da evolução negativa de ações compradas através de instrumentos do mercado de derivados altamente alavancados. Com os títulos em baixa, a Archegos foi chamada a reforçar as margens associadas a estas posições e, incapaz de o fazer, apelou aos bancos para negociarem no fim de semana, não tendo conseguido uma resposta consensual.

Na verdade, Goldman Sachs e Morgan Stanley terão conseguido despejar rapidamente grandes blocos de ações no mercado, de forma a evitar prejuízos, e abriram a semana a negociar no verde em Wall Street. Já o Crédit Suisse e o Nomura admitiram "perdas significativas", que poderão passar os dois mil milhões de dólares, e, de acordo com a Bloomberg, o Mitsubishi UFJ também reconhece que, apesar de as perdas decorrentes do caso Archegos estarem ainda por apurar, os prejuízos do semestre podem atingir os 300 milhões de dólares.

Em comunicado, o Crédit Suisse assumiu assim o problema: "Um importante hedge fund, com sede nos EUA, deixou de atender às chamadas de margem feitas na semana passada pelo Crédit Suisse e alguns outros bancos. Após o fracasso do fundo em cumprir esses compromissos de margem, o Crédit Suisse e vários outros bancos veem-se forçados a encerrar essas posições."

Quando a Wall Street, há quedas, mas não parece haver sinais de pânico, como Goldman Sachs e Morgan Stanley a continuarem a negociar no verde no início da semana, enquanto o Mitsubishi UFJ perdia 1,90% na terça-feira, dia em que o Nomura caía 1,80% e o Crédit Suisse sofria um abalo de 3%.

São perdas e podem vir a aumentar, mas se uma ação do Crédit Suisse valia 10,5 dólares depois do primeiro impacto deste abalo, a cotação antes do caso Archegos rondava os 12,5 dólares e, em fevereiro de 2020, antes do impacto da pandemia, estava nos 13,5 dólares, tendo descido até aos 6,20 um mês mais tarde.

Olhando para o mercado, Filipe Garcia sublinha que "os índices bolsistas têm estado em alta e o Dow Jones bateu um recorde histórico já esta semana". Quanto a uma eventual comparação com a crise provocada pelo caso Lehman Brothers, concorda com Paulo Rosa. "Fazer isso é altamente especulativo. Estamos a falar de um fundo com ativos de 10 mil milhões de dólares e posições que valem cerca de 50 mil milhões", justifica.

No entanto, o economista não tem dúvidas: independentemente de ser um simples abalo ou de vir a provocar um tsunami financeiro, o que se passou "é um sinal de alerta de fim de ciclo para os investidores e para a banca de investimento, numa fase em que os juros são baixos e este tipo de operações se torna muito convidativo". E deixa mais uma nota: "Isto aconteceu porque houve uma aposta em investimentos que correram mal, até porque nas últimas semanas tem havido troca de ativos nas bolsas internacionais, com as tecnológicas a perderem para negócios como a energia e para empresas mais consolidadas."

Da alavancagem à bolha

É verdade que a abertura de posições com recurso à alavancagem "está na génese da maior parte das bolhas", como diz Paulo Rosa, que recorda que já em 1929 a alavancagem foi um dos fatores que provocou a queda das bolsas e a Grande Depressão. "Na altura, algumas instituições financeiras permitiam aos seus clientes comprar 10 ações tendo capitais próprios apenas para uma, com uma alavancagem de 10 vezes. Assim, precisavam apenas de 10% do capital", comenta. "Alavancagem sempre houve, e é um risco que é medido pelo nível das taxas de juro dos empréstimos de títulos, mas deve ser muito bem ponderado por quem assume essas posições", sustenta.

Com a Archegos Capital Management a alavancagem era de cinco vezes, metade da que provocou a Grande Depressão, abaixo dos níveis praticados noutros casos, dizem os especialistas de mercado, que consideram este tipo de operações "uma coisa perfeitamente normal".

Já a agência noticiosa Reuters não tem dúvidas de que a liquidação da Archegos Capital "é o mais recente sinal de que a avidez dos investidores pelo risco está longe de ser satisfeita", mesmo depois de o índice S&P 500 valorizar 80% num ano. E sem ter dúvidas de que os sinais de animação do mercado atingiram o patamar da "exuberância" nos últimos meses, "levando a riscos potencialmente excessivos em todo o tipo de ativos", a agência aponta como exemplos a popularidade de criptomocedas como a *bitcoin* e a subida de 850% das ações da GameStop.

mcardoso@expresso.imprensa.pt

Maduro disposto a trocar petróleo por vacinas

O Presidente venezuelano afirmou que o país está disponível para trocar parte da sua produção petrolífera por vacinas contra a covid-19. As declarações de Nicolás Maduro surgem num momento em que se regista uma vaga de contágios e o Governo tem dificuldades em aceder a recursos financeiros congelados no estrangeiro. "A Venezuela tem os petroleiros, tem os clientes para comprar petróleo e dedicaria parte da sua produção para garantir todas as vacinas de que necessita", disse o Presidente durante a sua avaliação semanal do combate à covid-19. "Petróleo por vacinas, estamos prontos", insistiu, embora não tenha dado detalhes sobre o plano, que revelou ter aprovado no mesmo dia. O chefe do Governo venezuelano referiu também que vai continuar a insistir na sua pretensão legal de desbloquear fundos congelados no estrangeiro para pagar as vacinas, incluindo as do mecanismo COVAX. Segundo Maduro, através deste mecanismo, o país teria



FOTO MANAURE QUINERO/REUTERS

acesso a 2,4 milhões de doses, o equivalente a 20% das suas necessidades. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) anunciou que tinha destinado à Venezuela doses da empresa farmacêutica AstraZeneca, que o Governo de Maduro não autorizou, por receio de efeitos secundários. Outrora importante no mercado internacional, a indústria petrolífera venezuelana

está a passar por dificuldades e as suas operações de extração caíram consideravelmente. De acordo com dados da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), a Venezuela produziu pouco mais de 500 mil barris em fevereiro passado, um ligeiro aumento em relação aos meses anteriores mas distante dos quase 3 milhões de barris por dia de início dos anos 2000.



Autor de "A Guerra dos Tronos" na HBO



FOTO REUTERS/DANNY MOLOSHOK

George R. R. Martin, autor da saga "A Guerra dos Tronos", assinou um contrato de cinco anos com a HBO para produzir conteúdos exclusivos, que poderão incluir enredos alargados com heróis e dragões na região fictícia de Westeros. O autor da aclamada saga de romances "A Guerra dos Tronos", que ficou mundialmente famosa pela série produzida pela HBO, já está a trabalhar na adaptação de um prelúdio da saga, intitulado "Casa do Dragão", que ocorre 300 anos antes dos eventos protagonizados por Jon Snow e Daenerys Targaryen. Este *spin-off* deverá ser estreado em 2022. A Warner Media, que detém a HBO, anunciou, através de um comunicado enviado à France Presse (AFP), que Martin assinou "um contrato global por um período de cinco anos" para "desenvolver conteúdos para a HBO e HBO Max" — serviço de *streaming*.

Macau Legend anuncia perdas de €213 milhões

O grupo Macau Legend anunciou no domingo perdas de 195,4 milhões de dólares de Hong Kong (€213 milhões) em 2020, devido à crise económica provocada pela pandemia de covid-19. "As receitas de jogo comunicadas pelo grupo em Macau contraíram-se aproximadamente 71,0% em relação ao ano passado", indicou em comunicado a Macau Legend, que opera vários casinos em Macau sob a bandeira da Sociedade de Jogos de Macau (SJM), fundada pelo magnata Stanley Ho.

OS EMPRÉSTIMOS CHINESES A ÁFRICA CAÍRAM QUASE UM TERÇO EM 2019, PARA MENOS DE 9 MIL MILHÕES DE DÓLARES, PELA PRIMEIRA VEZ NOS ÚLTIMOS 10 ANOS, SINALIZANDO A CAUTELA CHINESA COM AS ECONOMIAS AFRICANAS.

A QUEDA NO FINANCIAMENTO INDICA QUE A CHINA SE TORNOU MAIS CAUTELOSA SOBRE OS EMPRÉSTIMOS A ESTA REGIÃO.

3 BÉLGICA

UNIÃO UNIDA PARA
PRODUZIR VACINAS

300

empresas irão participar num esforço de 25 Estados europeus para reforçar a produção de vacinas. Em comunicado, a Comissão Europeia explica que o evento de *matchmaking*, realizado à distância, visa "acelerar as ligações entre produtores de vacinas e empresas de serviços, tais como organizações de desenvolvimento e de fabrico, produção de materiais e de acabamentos, fabricantes de equipamento e outros, com vista a melhorar o planeamento da produção atual e futura de vacinas na Europa". Ao mesmo tempo, a ocasião tem o intuito de "resolver os estrangulamentos na produção e na cadeia de abastecimento", acrescenta a instituição. Citada pela nota, a vice-presidente da Comissão Europeia com a pasta digital e da concorrência, Margrethe Vestager, observa que "o número e a variedade de participantes no evento de *matchmaking* mostra a importância de ter uma indústria farmacêutica vibrante e competitiva na UE", numa alusão à participação de mais de 300 empresas de 25 países.

4 VATICANO

Papa pede mais reformas na Justiça e apela à luta contra o crime financeiro

O Papa apelou a uma conduta "irrepreensível e exemplar" das instituições vinculadas às finanças do Vaticano e pediu que se continue a reforma da Justiça, fortalecendo a cooperação com instituições judiciais estrangeiras na luta contra o crime financeiro. Francisco, que falava na cerimónia de abertura do ano judicial, lembrou que o Vaticano tem vindo a trabalhar para alinhar o seu sistema judicial com as "boas práticas" internacionais no campo da repressão ao crime financeiro. Este trabalho, adiantou, "será intensificado para facilitar e acelerar a cooperação internacional entre os serviços de investigação do Vaticano e as instituições congêneres de outras nações". "Parece urgente identificar e introduzir, sob a forma de normas específicas ou memorandos de entendimento, novas e mais incisivas formas de cooperação, a pedido dos órgãos de supervisão do mercado financeiro a nível internacional", acrescentou. O



Papa disse ainda que exorta a todos, "para que as iniciativas recentemente lançadas e as que deverão ser realizadas para a absoluta transparência das atividades institucionais do Estado do Vaticano, especialmente no campo económico e financeiro, sejam sempre inspiradas nos princípios fundadores da vida eclesial e, ao mesmo tempo, ter em devida conta os parâmetros e as 'boas práticas' vigentes a nível internacional e apresentarem-se exemplares, como se exige de uma realidade como a Igreja Católica". Depois de agradecer o trabalho "às vezes árduo" do promotor da Justiça do Vaticano, Gian Piero Milano, o Papa mencionou as mudanças regulatórias que "têm caracterizado o sistema judicial do Vaticano nos últimos anos".



8 EUA

Washington não acaba já com tarifas à China

Os Estados Unidos não estão preparados para levantar as tarifas a importações chinesas a curto prazo, mas estão abertos a negociações comerciais com Pequim, disse esta semana a nova representante para o Comércio, Katherine Tai. Na sua primeira entrevista desde que foi confirmada pelo Senado, Tai disse ao "The Wall Street Journal" que eliminar rapidamente essas medidas poderia prejudicar a economia, a menos que a mudança se faça de forma a permitir às empresas planear e fazer ajustamentos. A responsável norte-americana apontou ainda razões táticas, alegando que "nenhum negociador abre mão das vantagens" tendo em vista possíveis negociações. A nomeação de Tai foi aprovada este mês no Senado por unanimidade, algo pouco habitual, dada a atual polarização política em Washington.

9 EUA



VOLKSWAGEN OU VOLTSWAGEN? É O MARKETING 'ESTÚPIDO'
Na tarde da passada terça-feira, a unidade americana da Volkswagen deixou passar a mensagem de que iria mudar de nome as suas operações nos Estados Unidos para Voltswagen of America, numa clara alusão ao novo foco da empresa na construção de carros elétricos. Afinal, algumas horas depois, veio desmentir, dizendo que se tratava só de uma operação de marketing para chamar a atenção para a mobilidade elétrica.

FOTO HENDRIK SCHMIDT / POOL VIA REUTERS